



ENTREVISTA — MARCOS CAMARGO

Presidente da Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais (APCF)

“Existe salvação no Rio, mas não pela via da guerra”

Ana Maria Campos

O confronto direto com facções criminosas não é a solução para combater a violência e o domínio do crime organizado no Rio de Janeiro. É a avaliação do presidente da Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais (APCF), Marcos Camargo, especialista em gestão de Políticas de Segurança Pública. Ele sustenta que, sem prisões de lideranças, enfraquecimento financeiro e corte da influência política que decorre da infiltração do crime no Poder Público, não há redução efetiva.

Formado em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Camargo está na Polícia Federal desde 1999 e já atuou em diversas áreas da instituição, inclusive como chefe do laboratório de química forense e na área de investigação contra o narcotráfico.

O presidente da APCF aponta que a perícia é fundamental para esclarecer as circunstâncias das mortes, rastrear a origem de armas, identificar padrões de produção de drogas e quantificar o impacto das apreensões. “Somente com a ciência e união das forças em torno de dados confiáveis, será possível entender a magnitude do crime e medir resultados reais”, afirma.

A megaoperação realizada nos complexos do Alemão e da Penha, no Rio de Janeiro, mobilizou um grande efetivo das forças de segurança e resultou em confrontos, prejuízos à rotina dos moradores e uma série de questionamentos sobre sua eficácia e impactos sociais. Qual a sua avaliação sobre o resultado desse confronto?

A avaliação é ruim. Mais uma vez se busca combater o crime organizado e os problemas de segurança pública com uma

Divulgação/APCF



lógica arcaica de “medir forças” com o crime. O enfrentamento armado e o uso da força sozinhos não resolvem o problema. Isso resulta em confronto aberto em áreas controladas, com mortes de criminosos, policiais e população civil, além da paralisação de serviços públicos e de traumas gigantes nas comunidades vulneráveis. Infelizmente, esse é o resultado esperado quando a única forma de se enfrentar a criminalidade ainda é o combate com medição de forças.

Houve mais de 100 mortos, na operação mais letal da história do Rio. Acha que esse tipo de embate resulta em mais violência, com bandidos e policiais vingando seus mortos?

O problema é que esse embate não resolve a criminalidade. É preciso políticas públicas e ações de prevenção. Tratar o tema apenas com ações que envolvem violência, além de ineficaz, gera fraturas ainda maiores, que intensificarão essa violência. Não se trata de “vingança”, mas de um ambiente de beligerância que tende a se agravar, com os lados tentando se fortalecer em termos de armas e de mecanismos repressivos, que, quando colocados em confronto, só tendem a escalar a violência.

Na sua opinião, quais foram as falhas evidentes?

O confronto e as mortes são a ponta do iceberg. As causas são mais profundas:

ausência de Estado, falta de políticas públicas, baixa resolução de crimes e infiltração do crime organizado nas estruturas do Poder Público são alguns dos problemas. Sobre a operação, de forma geral, a polícia tenta evitar o embate. Os policiais querem cumprir seu trabalho e voltar para suas famílias. Quando ocorrem tantas mortes, algo deu muito errado. O principal erro costuma ser a falta de planejamento e equívocos nos dados de inteligência. Com planejamento, dados concretos e informações de inteligência, o risco de confronto diminui. Uma operação com mais de cem mortos não tem como ter sido bem planejada. É sinal claro de falhas graves em vários níveis.

Leia mais na página 2